

Conclusão

No início desta dissertação, colocaram-se algumas indagações, no capítulo 1.1, como problemas que motivaram a pesquisa. A busca de respostas para aquelas perguntas traçaram as linhas que nortearam o estudo. A primeira e mais relevante questão é a que busca a **identidade de um composto** em oposição a outras entidades existentes na língua. E a segunda, intimamente ligada à primeira, é a que procura isolar os **critérios** em que podemos nos apoiar para considerar certas expressões como nomes compostos e outras como sintagmas vocabulares comuns.

Após a leitura investigativa de gramáticos, de autores estruturalistas e dos pesquisadores pós-estruturalistas, as respostas a que chegamos, sem a pretensão de haver esgotado o tema, esclareceram a formação de palavras pelo processo de composição sob alguns ângulos, embora não constituam respostas plenamente conclusivas.

Os **critérios** para definição da identidade de um composto ficaram claramente estabelecidos nas propostas dos autores pós-estruturalistas pesquisados. Resumindo-se tais propostas, poder-se-ia dizer que estes critérios consistem em que se examine uma expressão formada por mais de um elemento sob o ponto de vista **fonológico, morfológico, sintático e semântico**. Um nome composto será a entidade que apresentar, sob um ou mais dentre estes critérios, um comportamento de palavra una, de modo tal que não se possam promover alterações em sua forma sem que isso a descaracterize e ela deixe de ser reconhecida pelo falante. E, nesse ponto, um nome composto se diferencia de certas locuções que, embora recorrentes, não são construções fechadas, pois admitem alterações. Comparem-se, como exemplo, a formação *pastel de carne* (com a qual convivem, no repertório da língua, *pastel de queijo*, *pastel de camarão*, *pastel de banana*, *pastel de frango*, etc.), com a formação *olho-de-sogra* (que não apresenta os subtipos **olho-de-sogra*, **olho-de-nora*, **olho-de-tio* como variantes do docinho de ameixa). Ao comparar as duas entidades segundo o critério semântico, pode-se afirmar que *pastel de carne* é um sintagma

vocabular comum, ao passo que *olho-de sogra* é um nome composto, uma entidade una e fechada.

A questão que permanece em aberto é a dificuldade de se classificarem como nomes compostos as entidades que, embora apresentem as características de um composto, já que se formam pela união de dois elementos pré-existentes na língua para significar uma terceira idéia, apresentam também outra marca que dificulta sua classificação como nomes compostos sob o ponto de vista morfológico: a presença, quando pluralizados, do morfema flexional no primeiro elemento. Assim, a formação *olho-de-sogra*, por admitir uma desinência em seu interior ao formar o plural *olhos-de-sogra*, não poderia ser considerada uma palavra composta do ponto de vista morfológico. Entretanto, como, do ponto de vista semântico, a unicidade dos elementos formadores para significar uma terceira idéia é inquestionável, estamos, certamente, diante de um composto lexical. Em suma, existem certos **compostos lexicais** que não podem ser considerados **compostos** do ponto de vista rigorosamente **morfológico**.

As duas perguntas seguintes abordaram a presença ou não de hífen na grafia dos compostos, e o fato de alguns nomes desta natureza não constituírem um verbete à parte nos dicionários e serem incluídos dentro de outro verbete. Ao final da pesquisa, a conclusão a que se chegou indica que estes dois fatos são decorrentes de um mesmo problema, que é a falta de critérios nítidos quanto à identificação de um nome formado pelo processo de composição.

A pesquisa também mostrou o quanto a composição, embora em menor escala que a derivação, tem sido um processo produtivo de expansão lexical. Constatou-se que, como demonstra Basilio (2003), alguns modelos de formação consolidaram padrões dentro dos quais a língua vem criando muitos outros itens lexicais.

Considerando-se os resultados da pesquisa sob o ângulo do ensino da língua nas escolas de Ensino Médio, chegou-se às seguintes conclusões:

Para se aprofundar o estudo da formação de palavras, podem-se ampliar as noções contidas nos livros didáticos com algumas conclusões a que se chegou ao final deste trabalho.

Assim sendo, além das noções que as gramáticas costumam veicular, devem ser abordados os seguintes aspectos:

1º) A noção de sincronia e diacronia como dois vieses distintos no tratamento dos fatos lingüísticos, que são misturados quando se classificam os nomes compostos em compostos formados por aglutinação e formados por justaposição.

2º) Não podemos considerar como formações da mesma natureza certos grupos de palavras que se cristalizaram, como *Maria-vai-com-as-outras*, *tomara-que-caia*, *chove-não-molha*, *pílula do dia seguinte* e outras, muito mais regulares e freqüentes, a ponto de se tornarem padrões que inspiram novas formações.

3º) Nem todo grupo vocabular fixo e recorrente constitui um nome composto, pois, para merecer o status de **palavra composta**, um grupo de palavras deve apresentar algum traço diferenciador, que o individualize e separe de outros grupos comuns. Além disso, um composto é uma entidade fechada, que não aceita alterações na ordem dos componentes nem acréscimo ou supressão de elementos sem que isso o descaracterize.

4º) A presença da metáfora e da metonímia na construção de muitos dentre os compostos que constituem o léxico português. Este aspecto, por instigar a interpretação da palavra, acrescentará muito interesse às aulas.

Não poderão deixar de ser abordados dois pontos nesses estudos, por serem considerados importantíssimos por alunos e por usuários do idioma em geral: a flexão de número e a questão referente à presença/ausência do hífen na grafia dos compostos. Com exceção daqueles que pretendem se especializar em estudos lingüísticos, os alunos costumam ter expectativas muito práticas sobre um curso de língua portuguesa. Eles esperam que as aulas de português lhes forneçam, principalmente, meios de falar e escrever corretamente. Para o senso comum, esse é o papel primordial da escola, já que os “erros de português” estigmatizam as pessoas, mesmo aquelas que alcançam sucesso e provam sua competência em outras áreas.

As regras que ensinam a pluralizar os nomes compostos fazem parte de qualquer gramática e é fácil para os estudantes perceber a semelhança entre nomes compostos e outros sintagmas, no que diz respeito à flexão de número.

A questão ortográfica é mais complexa, mas deve ser tratada. Deve-se mostrar aos alunos que a oscilação quanto ao uso do hífen na grafia de alguns compostos se deve, segundo Sandmann, ao fato de os usuários da modalidade-

padrão escrita da língua não estarem seguros sobre *que fatores fazem com que um grupo de palavras constitua um composto e se diferencie de um grupo sintático comum*. Tais fatores, que são os de ordem sintática, semântica, morfológica e fonológica, como se expôs nesta pesquisa, não são tão objetivos quanto aqueles que regem o uso do hífen em derivados prefixais.

Em suma, o professor deve admitir que a falta de normas sobre o uso ou não deste sinal nas palavras formadas por composição é uma lacuna na gramática, e que convém observar as grafias registradas nos dicionários ou, no caso das formações mais recentes, aquelas consagradas pelos escritores, jornalistas e redatores da mídia em geral.

Entretanto, o exame dos critérios para identificação de nomes compostos registrados neste trabalho pode constituir um caminho seguro para orientar os alunos, quando estes se virem diante de dúvidas quanto à necessidade de se incluir o hífen na grafia de um verdadeiro composto, como é o caso da palavra *cara-de-pau*, por exemplo; e também quanto à incoerência de sua presença entre os elementos que formam a expressão *fim de semana*, por exemplo, já que a mera frequência com que ela aparece no português não é motivo suficiente para que a consideremos um nome composto.